

NOTAS A ARQUÍLOCO, FR. 118 & 119 IEG<sup>2</sup>

Paula Cunha Corrêa\*

\* Professora de Língua e Literatura Grega. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
correa@usp.br

**RESUMO:** Nestes comentários aos fragmentos 118 e 119 IEG<sup>2</sup> de Arquíloco, são examinados os textos, as traduções e fortunas críticas, com destaque para a imagem bélica em 119 IEG<sup>2</sup> que é transposta de um contexto marcial para um amatório.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia grega arcaica; Arquíloco de Paros; imagens marciais e amatórias.

NOTES ON ARCHILOCHUS FR. 118 & 119 IEG<sup>2</sup>

**ABSTRACT:** These notes on fragments 118 and 119 IEG<sup>2</sup> of Archilochus examine the verses, their translations and critical fortune, focusing on the martial imagery in 119 IEG<sup>2</sup> that was transposed from a martial to an amatory context.

**KEYWORDS:** Archaic Greek poetry; Archilochus of Paros; martial and amatory imagery.

I. Fr. 118 IEG<sup>2</sup>: Plutarco, *de E apud Delphi* 5. 386d:

“εἰ γὰρ {ὄφελον}”, φησὶν ἕκαστος τῶν εὐχομένων· καὶ Ἀρχίλοχος εἰ γὰρ ὧς<sup>1</sup> ἐμοὶ γένοιτο χειρὶ<sup>2</sup> Νεοβούλης θηγεῖν<sup>3</sup>

“Ah, se” diz cada um que suplica, e Arquíloco:

*Ah, se eu pudesse com a mão tocar Neobula*

<sup>1</sup> ὧς Hoffmann (1898), Lasserre (1950, p. 169), εἰ γὰρ ὧς | ἐμοὶ γένοιτο χεῖρα Νεοβούλης θίγει Brunck (1772); ὧς Fick (1888). Diehl (1936<sup>2</sup>) notava no Pap. Flinders-Petrie (ed. Mahaffy 1.tab. 4.2 p.23): εἰ γὰρ ὦ[ς...], mas, conforme Degani e Burzacchini (1977, p. 29, n. 1), os traços restantes no papíro impedem a identificação do verso de Arquíloco. Segundo Blass (1900, p. 103), ὧς introduz uma comparativa à qual responderia uma completiva ὧς.

<sup>2</sup> Hiller (1890), Hauvette (1905), Marzullo (1967<sup>2</sup>, p. 20); χεῖρα codd., Brunck (1772), Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>), Gaisford (1823), Schneidewin (1838), Bergk (1882<sup>4</sup>, 1915), Hoffmann (1898), Diehl (1936<sup>2</sup>), Edmonds (1931), Lasserre (1950, p. 169; 1958), Treu (1959), Tarditi (1968), Degani e Burzacchini (1977), Rankin (1977, p. 65), Adrados (1990<sup>3</sup>), Gerber (1999).

<sup>3</sup> θίγειν codd., Brunck (1772), Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>), Gaisford (1823); θηγεῖν Schneidewin (1838).

Liebel (1812, p. 128) leu o verso de Arquíloco (Fr. 118 *IEG*<sup>2</sup>) acreditando tratar-se do período em que “Arquíloco” fazia a corte a Neobula,<sup>4</sup> enquanto Jurenka (1900, p. 135), Hauvette (1905, p. 72-3, 228) e Treu (1959) também apontavam no verso o “sentimento delicado” de um desejo tímido, por parte do poeta, de tocar a mão de Neobula. Conforme Fränkel (1975, p. 142), quando o pacto de casamento é rompido, o poeta suspira, desejando tocar a mão da amada. Tarditi (1968), por sua vez, traduz: “ah se eu pudesse tocar a mão de Neobula: só a sua mão!”, aludindo ao fragmento 119 *IEG*<sup>2</sup> de Hipônax como paralelo:

εἴ μοι γένοιτο παρθένος καλή τε καὶ τέρπεινα.

*Ah, se eu tivesse uma virgem bela e tenra.*

Para Campbell (1983, p. 6), esse verso de Arquíloco seria sobre uma moça, noiva do poeta, talvez a mesma que é “charmosamente descrita” nos fragmentos 30 e 31 *IEG*<sup>2</sup>, e Gerber (1999), que também não vê como necessária a junção dos fragmentos 118 e 119 *IEG*<sup>2</sup> em um só poema, traduziu o verso de 118 *IEG*<sup>2</sup> como: “Se eu pudesse tocar Neobula, na sua mão”.

Mas outra via de interpretação surgiu no século dezenove quando Elmsley (*apud* West, 1971, 1998<sup>2</sup>) acrescentou ao verso de Arquíloco Fr. 118 *IEG*<sup>2</sup> mais dois do fragmento 119 *IEG*<sup>2</sup>:

Fr. 119 *IEG*<sup>2</sup>: Escólio a Eurípidēs, *Medeia* 679:

ἄσκον τοίνυν λέγει τὸν περὶ τὴν γαστέρα τόπον. Ἀρχίλοχος·

καὶ πεσεῖν<sup>5</sup> δρήστην ἐπ’ ἄσκον, κἀπὶ<sup>6</sup> γαστρὶ γαστέρα  
προσβαλεῖν<sup>7</sup> μηρούς τε μηροῖς<sup>8</sup>

Fr. 119 *IEG*<sup>2</sup>: Escólio a Eurípidēs, *Medeia* 679:

*Askón* significa a região do ventre. Arquíloco:

*e cair sobre o odre servil, e ventre contra ventre  
lançar, coxas contra coxas.*

<sup>4</sup> Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>) cita o testemunho de Pseudo-Luciano *Amores* 3, iii. 86. 24 Macleod, Arq. 33 *IEG*<sup>2</sup>: ἔναγχος γούν διηγουμένου σου τὸν πολὺν ὡς καὶ παρ’ Ἡσιόδῳ κατάλογον ὧν ἀρχῆθεν ἠράσθης. ἰλαραὶ μὲν τῶν ὀμμάτων αἰ βολαὶ τακερῶς ἀνυγραίνοντο, τὴν φωνὴν δ’ ἴσην τῇ Λυκάμβου θυγατρὶ λεπτόν ἀφιδύων ἀπ’ αὐτοῦ τοῦ σχήματος εὐθύς δῆλος ἦς οὐκ ἐκείνων μόνων ἀλλὰ καὶ τῆς ἐπ’ αὐτοῖς μνήμης ἐρῶν.

<sup>5</sup> καὶ πεσεῖ δρήστην ἐπ’ ἄσκον, μηρούς τε μηροῖς Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>); ... καὶ πεσεῖ | δρήστην ἐπ’ ἄσκον | μηρούς τε μηροῖς... Gaisford (1823); πεσεῖν Schneidewin (1838).

<sup>6</sup> κῆπι Schneidewin (1838).

<sup>7</sup> Elmsley *apud* Bergk (1882<sup>4</sup>, 1915); προσβάλλειν Schol. Eur.; προσβαλέειν Schneidewin (1838).

<sup>8</sup> μηροῖς Fick (1888), Hoffmann (1898), Tarditi (1968).

Bergk (1882, 1915) e vários editores e comentadores posteriores<sup>9</sup> seguiram Elmsley ao supor que os fragmentos 118 e 119 *IEG*<sup>2</sup> de Arquíloco fizessem parte de um só poema; mas, a seu ver, os versos talvez não se seguissem imediatamente, e portanto Bergk conferiu aos fragmentos números distintos em sua edição. A sugestão de Elmsley é atraente porque a justaposição de um anseio aparentemente singelo (Fr. 118 *IEG*<sup>2</sup>) à afirmação agressiva de um desejo sexual (Fr. 119 *IEG*<sup>2</sup>) encontra-se também, por exemplo, no *Epodo de Colônia* de Arquíloco (Fr. 196<sup>a</sup> *IEG*<sup>2</sup>).<sup>10</sup> Essa hipótese também evita uma interpretação possivelmente incongruente do fragmento com relação ao que os antigos testemunhos alegam.<sup>11</sup>

As duas leituras, a mais “romântica” e a irônica, dependem, evidentemente, do modo como se constrói o verso do fragmento 118 *IEG*<sup>2</sup> e de como se explica a relação entre o verbo no infinitivo (*thigéin*<sup>12</sup>) e o substantivo “mão”, no acusativo (*kheíra*) ou dativo (*kheiri*). Pois, conforme a primeira interpretação, teríamos um acusativo de objeto: o sujeito do verbo *thigéin* (o “eu”) deseja “tocar a mão de Neobula”.

Aqueles que não aceitaram a possibilidade do acusativo ser complemento do verbo adotaram a emenda de Elmsley para o dativo, imaginando tratar-se de um dativo instrumental ou de meio (o sujeito deseja tocar Neobula “com a mão”<sup>13</sup>), ou entenderam que a mão no acusativo (*kheíra*) fosse o sujeito, não o complemento (= o sujeito deseja que a sua mão/braço toque Neobula<sup>14</sup>), ou ainda que fosse um acusativo de relação.<sup>15</sup> No entanto, como o verbo *thigéin* pode reger o acusativo, como em Álcman Fr. 58.2 *PMGF*,<sup>16</sup> Sófocles *Antígona* 546<sup>17</sup> e Ferécates Fr. 10. 4 K-A,<sup>18</sup> do ponto de vista gramatical, as duas leituras são admissíveis.

Pode-se imaginar que o poeta, para surtir efeito, deliberadamente arrematasse uma exclamação aparentemente singela (Fr. 118 *IEG*<sup>2</sup>: *Ab! Se eu pudesse tocar a mão de Neobula*) com uma descrição de amor carnal (Fr. 119 *IEG*<sup>2</sup>: *e cair sobre o odre servil, e ventre contra ventre | lançar, coxas contra coxas*). Nesse caso, é interessante o emprego do tetrâmetro, pois Arquíloco costuma recorrer a trímetros jâmbicos para poemas eróticos mais vulgares. Outra possibilidade é que se tratasse de um poema de ódio e vingança (*Ab! Se eu pudesse por a minha mão em Neobula*).<sup>19</sup>

<sup>9</sup> Fick (1888), Hiller (1890), Hoffmann (1898), Diehl (1925<sup>1</sup>, 1936<sup>2</sup>, 1952<sup>3</sup>), Edmonds (1931), Lasserre (1950, p. 169; 1958), Treu (1959), West (1989<sup>2</sup>), Adrados (1990<sup>3</sup>).

<sup>10</sup> Cf. Corrêa (2010, p. 355-417) para Arquíloco Fr. 196<sup>a</sup> *IEG*<sup>2</sup>.

<sup>11</sup> Cf. Marzullo (1967<sup>2</sup>, p. 20) e Degani-Burzacchini (1977, p. 28).

<sup>12</sup> O verbo *thigéin* não é atestado na épica homérica.

<sup>13</sup> Hiller (1890), Hauvette (1905), Marzullo (1967<sup>2</sup>, p. 20) e West (1971<sup>1</sup>, 1989<sup>2</sup>, 1993).

<sup>14</sup> Lasserre (1950, p. 169; 1958): “Ah! je voudrais que mon bras pût êtreindre Néobule...”.

<sup>15</sup> Degani-Burzacchini (1977, p. 29, n. 1).

<sup>16</sup> ... ἄ μή μοι θίγῃς, τῷ κυπαρίσκῳ.

<sup>17</sup> ...μήδ’ ἄ μή θίγῃς | ποιοῦ σεαυτῆς.

<sup>18</sup> Cf. Campbell (1982<sup>2</sup>, p. 154) e *LSJ* suplemento.

<sup>19</sup> Cf. Lasserre (1958) e Marzullo (1967<sup>2</sup>, p. 20), segundo o qual o “eu” não deseja acariciar a mão de Neobula, mas, com a mão, apoderar-se dela; Eurípides *Hipólito* 1044 (γυναικὸς θιγέῖν) sendo citado como paralelo.

De todo modo, não há como escolher entre essas alternativas, caso se opte por unir os fragmentos 118 e 119 IEG.<sup>20</sup>

Degani e Burzacchini (1977, p. 28-9) ofereceram argumentos novos. Para a manutenção do acusativo *kebeira*, encontraram sustentação em um *tópos* literário: o do homem/rapaz que toma a moça/mulher pela mão (*lábe kebeira*). Mas, neste caso, seria para levá-la imediatamente ao leito, como faz Anquises com a deusa no *Hino Homérico a Afrodite* v. 155.<sup>21</sup> Segundo esses, trata-se de mais um elemento, além da adequação métrica, sintática e semântica demonstrada por Elmsley, a favor da reunião dos fragmentos 118 e 119 IEG<sup>2</sup>. Os dois críticos também citam os seguintes paralelos que, segundo eles, dependem claramente do poema de Arquíloco 118 & 119 IEG<sup>2</sup>:

- 1) o passo das *Tesmosforiantes* de Aristófanes em que Eurípides pede para “tocar a mão” (*kebeira* v. 1115<sup>22</sup>) da moça e, depois, professa desejar “cair na cama” (*pesein*, v. 1122<sup>23</sup>) com ela.
- 2) os versos de Teócrito *Id.* 2. 138-40<sup>24</sup> em que a moça rememora sua experiência amorosa.

Por fim, é nessa mesma linha que Petropoulos (2003, p. 75) afirma que o verso de Arquíloco (Fr. 118 IEG<sup>2</sup>), na forma de um desejo, é “claramente um pedido para se ter acesso a um *erómenos* ou a uma noiva”, o verbo *thingánō* sendo a “*vox propria* para o avanço sexual do homem”.<sup>25</sup>

Por mais sedutora que seja a sugestão de Elmsley, talvez os argumentos não sejam suficientes para autorizar a reunião desses versos transmitidos por fontes distintas,<sup>26</sup> embora a maioria dos editores e comentadores leiam os fragmentos 118 e 119 IEG<sup>2</sup> de Arquíloco como se fizessem parte de um só poema.

## II. Fr. 119 IEG<sup>2</sup>, Escólio a Eurípides *Medeia* 679

“ἀσκοῦ με τὸν προύχοντα μὴ λῦσαι πόδα»  
 ἀσκὸν τοίνυν λέγει τὸν περὶ τὴν γαστέρα τόπον. Ἀρχίλοχος·

<sup>20</sup> Kirkwood (1974, p. 41).

<sup>21</sup> Outros passos citados por Degani e Burzacchini (1977, p. 29, n. 1) são Álcman Fr. 3. 80 *PMGF* e Píndaro *P.* 9. 122.

<sup>22</sup> φέρε δεῦρό μοι τὴν χεῖρ', ἴν' ἄψωμαι κόρης.

<sup>23</sup> τί δ' οὐκ ἔῤῃς λύσαντά μ' αὐτὴν ὄ Σκύθα | πεσεῖν ἐς εὐνήν καὶ γαμήλιον λέχος;

<sup>24</sup> ἐγὼ δέ οἱ ἄ ταχπειθῆς | χειρὸς ἐφαρμαμένα μαλακῶν ἔκλιν' ἐπὶ λέκτρον. | καὶ ταχὺ χρώς ἐπὶ χρωτὶ πεπαίνεται.

<sup>25</sup> Veja o comentário de Thompson a Ésquilo, *Coéforas* 71ss., em Petropoulos (2003, p. 75).

<sup>26</sup> Liebel (1812) e Gaisford (1823) não situam os fragmentos 118 e 119 IEG<sup>2</sup> próximos um ao outro. Assim também Fränkel (1975, p. 142), Rankin (1977, p. 65), Gerber (1975, p. 183) e Burnett (1983, p. 24, n. 21) não os associam em suas leituras.

καὶ πεσεῖν δρήστην ἐπ' ἄσκον, κάπι γαστρὶ γαστέρα  
προσβαλεῖν μηρούς τε μηροῖς

*Askón* significa a região do ventre. Arquíloco:

*e cair sobre o odre servil, e ventre contra ventre  
lançar, coxas contra coxas.*

Treu (1959, p. 222) foi o primeiro a observar o uso que Arquíloco faz de um recurso estilístico de narrativas marciais: o poeta compara o casal de amantes durante o ato sexual com a posição dos guerreiros em formação de falange no campo de batalha, na épica homérica (*Iliada* 13. 128-31; 16. 215<sup>27</sup>):

οἱ γὰρ ἄριστοι  
κρινθέντες Τρῳᾶς τε καὶ Ἴκτορα δῖον ἔμιμον,  
130 φράξαντες δόρυ δουρί, σάκος σάκει προθελύμνω·  
ἀσπίς ἄρ' ἀσπίδ' ἔρειδε, κόρυς κόρυν, ἀνέρα δ' ἀνήρ

“Os de escol, os melhores, por Héctor  
e os Tróicos esperavam, lança a lança unindo,  
jungindo escudo a escudo; adarga rente a adarga,  
homem a homem, elmo a elmo;”<sup>28</sup>

e na elegia marcial de Tirteu, Fr. 11.31-3 *IEG*<sup>2</sup>:

καὶ πόδα πᾶρ ποδὶ θεῖς καὶ ἐπ' ἀσπίδος ἀσπίδ' ἐρείσας,  
ἐν δὲ λόφον τε λόφῳ καὶ κυνέην κυνέη  
καὶ στέρνον στέρνωι πεπλημένος ἀνδρὶ μαχέσθω,

“pé junto a pé e escudo contra escudo,  
elmo contra elmo, crinas confundidas,  
contra o inimigo, peito a peito, invista;”<sup>29</sup>

Como no fragmento 191 *IEG*<sup>2</sup> e, principalmente, em 193 *IEG*<sup>2</sup>, Arquíloco transfere para o campo da poesia amorosa/erótica um elemento estilístico recorrente no contexto de narrativas de guerra. Após Arquíloco, em contexto erótico, Anacreonte Fr. 439 *PMG* traz imagem semelhante:<sup>30</sup>

<sup>27</sup> Veja também *Iliada* 12. 105; 13. 145-52; 17. 354-5 e Corrêa (2009, p. 73-6) para a discussão sobre a existência de uma forma incipiente de falange hoplítica em Homero.

<sup>28</sup> Tradução de De Campos (2002).

<sup>29</sup> Tradução de De Falco e Coimbra (1941).

<sup>30</sup> Cf. Lucílio 8. 305-6 Marx, Tibulo I. 8. 26, Ovídio *Am.* I. 4. 43-44, 3. 7.10, Marcos Argentário *AP* 5. 128 e Teócrito *Id.* 2. 140.

## πλέξαντες μηροῖσι † πέρι μηρούς

*trançando coxas com coxas,*

Para Fowler (1987, p. 24), os versos de Arquíloco e Tírteu não seriam “imitações” homéricas, pois talvez houvesse expressões similares em outras narrativas marciais da tradição jônica, já que o seu caráter formular é evidente. Se não é necessário supor alusões de Arquíloco às passagens iliádicas supracitadas, isso não afeta, porém, o efeito obtido pelo deslocamento da expressão de um contexto marcial para um erótico. Arquíloco dá nova aplicação a uma descrição tradicional de luta.<sup>31</sup>

Gaisford (1823, p. 302) já citava com relação ao fragmento 119 *IEG*<sup>2</sup> de Arquíloco, provavelmente por causa da cena narrada e do termo *dréstēn* (traduzido aqui como “servil”), os comentários à *Iliada* de Eustácio, em que prostitutas são mencionadas: uma mulher “pública” (Arquíloco Fr. 207 *IEG*<sup>2</sup>: *dēmos*) e uma que “trabalha por paga” (Arquíloco Fr. 208 *IEG*<sup>2</sup>: *ergátis*).<sup>32</sup>

*Dréstēn* pode ser um substantivo ou adjetivo (“servo”/“servil”), e foi compreendido de diversas maneiras neste verso de Arquíloco. Para Tarditi (1968), qualificaria o “odre” como “excitado”, o odre sendo aqui, provavelmente, uma imagem para o órgão sexual feminino. Scherer (1964, p. 96) sugeriu que *dréstēn* (como o substantivo “servo”) seria o sujeito que “cai sobre o odre”, “servo” e “odre” sendo metáforas respectivamente para os órgãos sexuais masculino e feminino.<sup>33</sup>

Não é difícil entender a imagem do “odre” para genitais femininos,<sup>34</sup> mas a compreensão de “servo” (*dréstēn*) como “pênis” é mais difícil. Em sua tradução de 1999, Gerber verte apenas “odre” como metáfora para o órgão sexual feminino, lendo *dréstēn* não como um substantivo, mas como um adjetivo que qualifica o “odre”, conforme a sua perífrase: “que trabalha por paga” ou “assalariado”.<sup>35</sup> Assim, a imagem compararia o órgão sexual feminino com um utensílio feito de pele de animal (um odre), e ainda acentuaria a sua vulgaridade ao qualificá-lo como “servil”.<sup>36</sup>

Quanto ao tom do poema, as interpretações divergem. A linguagem expressa, segundo Kirkwood (1974, p. 41), despeito ou ódio, mas a “ferocidade sexual não pode ser totalmente separada da paixão amorosa”. Hauvette (1905, p. 194) considerava os versos de um naturalismo

<sup>31</sup> Fowler (1987, p. 24).

<sup>32</sup> Hauvette (1905, p. 194) observa que ataques a prostitutas não são raros em Arquíloco.

<sup>33</sup> Gerber (1975), que não associa os fragmentos 118 e 119 *IEG*<sup>2</sup>, segue porém Scherer (1964) em sua interpretação de *dréstēn* e *askón*.

<sup>34</sup> Henderson (1991, p. 20): “*askós* = cunt (?)” nos *Acarñenses* 119 de Aristófanes (cf. *LSJ* 2 cp. *sákandros*). Cf. Burnett (1983, p. 79 n. 12) e Adrados (1999<sup>3</sup>, p. 93 n. 5) para “odre” no sentido obsceno. Burnett (1983, p. 79 n. 12) ainda nota que, em Eurípides *Medeia* 679, o bico do odre figura o pênis, mas que em Arquíloco trata-se do órgão sexual feminino.

<sup>35</sup> Cf. Kirkwood (1974, p. 41) e Gerber (1999): “And to fall upon her wineskin that works for hire and to thrust belly against belly, thighs against thighs”. Hauvette (1905, p. 240) verte o adjetivo como “ativo”.

<sup>36</sup> Para Hauvette (1905, p. 271), o efeito cômico resulta do emprego de *áskos* (pele de um animal) para o ventre de pessoa grosseira.

terrível e, conforme Fränkel (1975, p. 144), o [poeta] fala desavergonhadamente do “calor de sua paixão”. Para Burnett (1983, p. 78-9), trata-se de um ataque a uma prostituta, agredida por ser assalariada. A quem quer que os versos fossem dirigidos, é notável que, embora a vulgaridade seja mais frequente nos jambos, os troqueus de Arquíloco não sejam totalmente isentos dela.

A paródia das descrições de fileiras de combate introduz, conforme alguns leitores, certa comicidade.<sup>37</sup> Pois enquanto nas batalhas os guerreiros se unem para formar uma fileira cerrada de proteção mútua, nos versos de Arquíloco os amantes mais se parecem com adversários que se afrontam no momento do embate de fileiras inimigas. E o deslocamento da imagem, do universo da guerra para o do amor, também é eficaz porque guerra e amor no imaginário grego, sob a figuração de Ares e Afrodite, formam um casal de opostos complementares.

## REFERÊNCIAS

ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos I: Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos*. 3. ed. Barcelona: Alma Mater, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990. [1ª ed. 1956-1959].

BERGK, T. *Poetae Lyrici Graeci*. Leipzig: B. G. Teubner, 1882, 1915. [4a ed.] v. II.

BLASS, F. Vermischtes zu den griechischen Lyrikern und aus Papyri. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 55, p. 91-103, 1900.

BRUNCK, R. F. P. *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. Estrasburgo: Argentorati, 1772. v. I.

BURNETT, A. P. *Three Archaic Poets: Archilochus, Alcaeus, Sappho*. London: Duckworth, 1983.

CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. 2. ed. Bristol: Bristol Classical Press, 1982.

CAMPBELL, D. A. *The Golden Lyre; the Themes of the Greek Lyric Poets*. London: Duckworth, 1983.

CAMPOS, H. de. *Ilíada de Homero*. Trad. São Paulo: Arx, 2002. v. II.

CORRÊA, P. d. C. *Armas e varões; A guerra na lírica de Arquíloco*. 2. ed. rev. e aument. São Paulo: Edunesp, 2009.

CORRÊA, P. d. C. *Um Bestiário Arcaico; Fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

De FALCO, V.; FARIA COIMBRA, A. de. *Os Elegíacos Gregos de Calino a Crates*. São Paulo: Brusco, 1941.

DEGANI, E.; BURZACCHINI, G. *Lirici Greci*. Florenza: La Nuova Italia, 1977.

DIEHL, E. *Anthologia Lyrica Graeca*. Leipzig: B. G. Teubner, 1925 [1ª ed.], 1936 [2ª ed.], 1952 [3ª ed.].

<sup>37</sup> Cf. Campbell (1983, p. 6-7).

- EDMONDS, J. M. *Greek Elegy and Iambus*. London: Heinemann, 1931.
- FICK, A. Die Sprachform der altonischen und altattischen Lyrik. *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, v. 11, p. 242-272, 1886.
- FICK, A. Die Sprachform der altonischen und altattischen Lyrik. *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, v. 13, p. 173-221, 1888.
- FOWLER, R. L. *The Nature of Early Greek Lyric. Three Preliminary Studies*. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1987.
- FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy: a history of Greek epic, lyric, and prose to the middle of the fifth century*. Trad. M. Hadas e J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.
- GAISFORD, T. *Poetae Minores Graeci*. Leipzig: Kühn, 1823. v. I.
- GERBER, D. E. Archilochus Fr. 119 W. *Phoenix*, v. 29, n. 2, p. 181-184, 1975.
- GERBER, D. E. *Greek Iambic Poetry from the seventh to the fifth centuries B. C.* Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1999.
- HAUVETTE, A. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: Fontemoing, 1905.
- HENDERSON, J. *The Maculate Muse; Obscene Language in Attic Comedy*. 2. ed. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.
- HILLER, E. *Anthologia Lyrica Graeca sive Lyricorum Graecorum Veterum praeter Pindarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1890.
- HOFFMANN, O. *Die griechischen Dialekte in ihrem historischen Zusammenhange (III): Der Ionische Dialekt*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.
- JURENKA, H. *Archilochos von Paros. Aus den Fragmenten dargestellt*. Jahres-Bericht d. Maximilians-Gymnasium: Viena, 1900.
- KIRKWOOD, G. M. *Early Greek Monody*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1974.
- LASSERRE, F. *Les Épodes d' Archiloque*. Paris: Belles Lettres, 1950.
- LASSERRE, F. e BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris: Belles Lettres, 1958.
- LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. Leipzig: Sommer, 1812; Viena: Johann Bartholomäus Zwick, 1818 [2<sup>a</sup> ed.].
- MARZULLO, B. *Frammenti della lirica greca*. 2. ed. Florenza: Sansoni, 1965-1967.
- PETROPOULOS, J. C. B. *Eroticism in Ancient and Medieval Greek Poetry*. London: Duckworth, 2003.
- RANKIN, H. D. *Archilochus of Paros*. Park Ridge, N.J.: Noyes Press, 1977.



SCHERER, A. Die Sprache des Archilochos. In POUILLOUX, J. *et al.* (Ed.). *Archiloque: Sept exposés et discussions*. Entretiens sur l'Antiquité Classique X [Vandœuvres, Genebra, 26/8-3/9/1963]. Genebra: Fondation Hardt, 1964. p. 89-107.

SCHNEIDEWIN, F. W. *Delectus Poesis Graecorum Elegiacae, Iambicae, Melicae*. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1838.

TARDITI, G. *Archiloco*. Roma: dell' Ateneo, 1968.

TREU, M. *Archilochos*. München: Ernst Heimeran, 1959.

WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati I*. Oxford: Oxford University Press, 1971 [1ª ed.], 1989 [2ª ed.].

WEST, M. L. *Greek Lyric Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

Recebido em: 20/12/2017

Aprovado em: 22/01/2018